

A Contação de Histórias como Prática Educativa e Afetiva na UATI/UEPG

Área Temática: Educação e Cultura

Coordenador(a) da atividade: Rita de Cássia da Silva OLIVEIRA

Autor: Erica de Lima ALVES[1]

Nome do Programa ou Projeto de Extensão
O mundo colorido da contação de histórias

Resumo: Este relato apresenta a experiência vivenciada na Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI), vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), destacando sua relevância como espaço de formação, convivência e valorização da pessoa idosa. Com objetivo de destacar a prática de contar histórias como ferramenta de inclusão, expressão e desenvolvimento cognitivo e afetivo dos participantes. A metodologia baseou-se na observação e registro das interações durante as atividades de contação de histórias, considerando aspectos como atenção e envolvimento dos participantes. Os resultados revelaram maior engajamento, troca de vivências e fortalecimento de vínculos afetivos entre os idosos. Conclui-se que a prática da contação de histórias favorece o aprendizado prazeroso e contribui para a valorização da pessoa idosa em espaços educativos e culturais.

Palavras-chave: Contação de histórias. Terceira idade. UATI.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias surgiu desde os primórdios tempos, usados pelas famílias com intuito de compartilhar saberes, aventuras e descobertas. É uma prática milenar, usada desde os tempos mais remotos pelo homem. Essa prática desenvolve o cognitivo, instiga a imaginação, a criatividade, e desperta emoções. Contar histórias é uma arte que favorece o desenvolvimento de forma prazerosa e atrativa, o contador é quem narra a história.

Abramovich (1997) afirma que contar histórias é o uso simples e harmônico da voz, equilibrando o que é ouvido com o que é sentido. “Contar histórias é uma arte… e tão linda!!!

[1]Universidade Estadual de Ponta Grossa

É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro… Ela é o uso simples e harmônico da voz (Abramovich 1997, p.19).

Segundo a autora, contador deve observar também o local onde a história será contada, a luminosidade, a acomodação, possíveis ruídos externos, grau de atenção do ouvinte, o cenário, podendo fazer uso de alguns recursos tecnológicos como computador, TV, DVD, rádio onde o ouvinte possa além de ouvir, ver a história. O contador pode também fazer visitas a bibliotecas, confeccionar fantoches, sequências lógicas e adaptar os vestuários de acordo com as histórias dando ênfase ao elemento surpresa, para que assim quem a ouve possa construir a paisagem, imaginar seus monstros, criar suas fadas, entrar na floresta, pensar no rosto do rei, lutar contra a alma perdida e assim por diante, preenchendo as lacunas entre diversão e aprendizado.

No contexto da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI), dentre as diversas oficinas ofertadas, a prática de contar histórias se destacou como uma atividade rica em significados, capaz de despertar memórias, emoções e imaginação. Através das narrativas, os idosos não apenas resgatam lembranças e tradições, mas também se reconhecem como protagonistas de suas próprias histórias, num ambiente acolhedor e transformador. Além da disciplina “Contação de Histórias” foram acompanhadas as oficinas da disciplina de Estágio de Inserção Comunitária, que tem como foco principal o tema “História e Memória”, os alunos participaram de encontros formativos e realizaram visitas a museus e asilos, o que tornou a vivência ainda mais significativa.

Conforme Abramovich (1997), contar histórias é um ato de escuta, de troca e de construção coletiva de sentidos e no contexto da UATI, essa prática assume um papel central na valorização das trajetórias de vida dos idosos, permitindo que se reconheçam como sujeitos ativos e criativos.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a condução deste trabalho teve origem na observação participante e no acompanhamento das atividades realizadas na oficina de Contação de Histórias da

UATI/UEPG. A prática de observar possibilita a compreensão da realidade e das interações que se desdobram no ambiente da sala, treinando nosso olhar para perceber as dinâmicas entre os participantes e o processo de ensino aprendizagem que ocorre em um contexto espaço-temporal específico.

De acordo com Silva (2013), a observação é uma maneira de visualizar e confirmar a realidade, destacando, assim, a importância do momento de observação em sala de aula para a formação do profissional da educação.

Os encontros ocorreram semanalmente, em ambiente presencial, com duração média de uma hora, e em encontros agendados em escolas e CRAS. Participaram idosos com diferentes perfis, histórias de vida e níveis de escolaridade, o que enriqueceu as trocas e os aprendizados.

As atividades foram organizadas em torno de temas geradores, como “memórias da infância”, “contar histórias, reviver memórias”, “contos que nos contam” e “narrativas inventadas”. Foram utilizados recursos como objetos simbólicos, recursos produzidos pelas contadoras, músicas, e dinâmicas de grupo para estimular a imaginação e o resgate de lembranças. A escuta ativa e o acolhimento foram princípios fundamentais na condução dos encontros.

Durante todo o período de participação do Programa, foram feitos alguns registros, como diário de bordo, fotos e vídeos, os quais contribuíram, essencialmente, para o desenvolvimento da escrita acadêmica e para unir a teoria estudada no curso de Pedagogia à prática docente.

RESULTADOS

A observação das atividades realizadas na oficina de contação de histórias da UATI/UEPG permitiu identificar impactos significativos no comportamento, na expressão e na interação dos participantes.

Durante os encontros, os idosos demonstraram entusiasmo ao compartilharem narrativas pessoais e culturais, revelando envolvimento emocional e disposição para o

diálogo. A escuta ativa entre os participantes favoreceu o respeito mútuo e o fortalecimento dos vínculos afetivos, criando um ambiente acolhedor e colaborativo.

Verificou-se que a prática da contação de histórias contribuiu para o desenvolvimento da autoestima, da criatividade e da comunicação oral. Muitos participantes relataram sentir-se valorizados ao serem ouvidos, o que reforçou o sentimento de pertencimento ao grupo. A diversidade de histórias compartilhadas evidenciou a riqueza das experiências individuais e a importância da memória como elemento formador da identidade.

Além disso, observou-se que a atividade estimulou a participação contínua dos idosos em outras ações da UATI, ampliando seu engajamento com o espaço universitário.

Os resultados indicam que a contação de histórias, enquanto prática educativa e afetiva, promove não apenas o aprendizado, mas também o cuidado, a inclusão e a construção coletiva de saberes. A triangulação dos dados obtidos por meio da observação, dos registros escritos e das falas dos participantes permitiu validar os impactos da ação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada na disciplina de contação de histórias da UATI/UEPG reafirma o papel da extensão universitária como promotora de inclusão, escuta e valorização da pessoa idosa.

A ação permitiu que os participantes se reconhecessem como sujeitos ativos, criativos e portadores de saberes, fortalecendo vínculos afetivos e promovendo o resgate da memória individual e coletiva.

A equipe envolvida percebeu que a prática da contação de histórias vai além do entretenimento: ela transforma, acolhe e educa.



Os desafios enfrentados, como a diversidade de perfis e a adaptação dos recursos narrativos, foram superados com sensibilidade e escuta ativa, o que contribuiu para o sucesso da ação.

A atividade também impactou diretamente a formação dos estudantes envolvidos, ao proporcionar vivências que articulam teoria e prática, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais e pedagógicas.

Como perspectiva futura, propõe-se a ampliação das oficinas para outros espaços comunitários, bem como a sistematização dos relatos dos participantes como forma de preservar e divulgar suas histórias. A continuidade da ação depende do fortalecimento institucional e da valorização da extensão como eixo formativo e transformador.

APOIO

A ação contou com o apoio da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), e da coordenação da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI). Agradecemos à equipe pedagógica, aos estudantes extensionistas do curso de Pedagogia e aos profissionais das instituições parceiras (escolas, CRAS, museus e asilos) que contribuíram para a realização das atividades.

Reconhecemos, ainda, o envolvimento dos participantes idosos, cuja presença e partilha tornaram esta experiência significativa e transformadora.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Quem conta um conto....** São Paulo: Scipione, 1997.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade** 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CONTO INFANTIL. **A descoberta da Joaninha.** Narrativa adaptada em contexto educativo.

CONTO POPULAR. **A história da Dona Baratinha.** Narrativa adaptada em contexto educativo.

CONTO POPULAR. **Dona Marta Lagarta**. Narrativa adaptada em contexto educativo.

FÁBULA POPULAR. **O Sol e o Vento**. Narrativa adaptada em contexto educativo.

MACHADO, Ana Maria. **Doroteia, a centopeia.** Ilustrações de Claudius. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

SILVA, Marcos Antônio da. **A técnica de observação nas ciências humanas**. Rev. Educativa, Goiânia, v.16, n.2, p. 413-423, jul./dez. 2013.